

# Proposta de um Programa de Orientação Sexual para Escolas Infantis e de 1° e 2° Graus **6**

---

Maria Helena Brandão Vilela Gherpelli<sup>1</sup>  
Keiko Ogura Buralli<sup>2</sup>  
Cornélio Pedroso Rosenberg<sup>3</sup>

## RESUMO

A inclusão da orientação sexual no currículo escolar tem sido objeto de grandes controvérsias. Os autores atribuem esta situação a uma questão central não definida, qual seja: qual é o papel da escola frente à orientação sexual? Esta indefinição repercute concretamente em outras questões de ordem operacional, tais como: que temas devem ser abordados? em que faixa etária deve ocorrer? quem deve ser o orientador sexual? qual a metodologia a ser utilizada? Diante dessas questões são apresentadas as diferentes alternativas descritas na literatura. Isto posto, os autores, assumindo uma postura diante das questões levantadas, apresentam uma proposta de programa de orientação sexual, dentro de um contexto, em que se acredita, possa equipar os jovens a buscarem atitudes responsáveis com relação a sua sexualidade. O programa foi elaborado para ser desenvolvido durante toda a vida escolar dos alunos, a partir do Infantilii, até o último ano do 2° grau, tendo sua fundamentação em conceitos amplos da sexualidade que serão trabalhados com uma metodologia centrada em dinâmicas de grupo (processo interativo). Para tanto, prever, além do trabalho com os alunos, a capacitação do corpo docente e o envolvimento dos pais nesse processo educativo.

- 
1. Estagiária de pesquisa do Departamento Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, SP.
  2. Docente do Departamento Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, SP.
  3. Docente do Departamento Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, SP.

Recebido em 25.11.91

Aprovado em 6.12.91

A Orientação Sexual (OS) vem sendo realizada há vários anos, com objetivos que variam de acordo com os acontecimentos e mudanças sociais e científicas que podem interferir no comportamento sexual das pessoas.

A literatura relata que, no início do século, já havia uma clara preocupação em orientar sexualmente as pessoas. Nesta época, a OS foi pregada dentro de uma visão moralista, a qual tinha como objetivo o combate à masturbação, às doenças venéreas e a preparação adequada da mulher para desenvolver o seu “nobre” papel de esposa e mãe(3). Por volta da década de 30 surgem modificações sociais, nas quais o feminismo começa a se destacar. A OS inicia, gradualmente, um processo de diminuição do caráter moralista e é direcionada no sentido de aumentar o nível de conhecimentos e melhorar a qualidade de saúde das mulheres. Porém, sem alterar a assimétrica distribuição dos papéis sexuais (3).

Nos anos 60, em função de fatos sociais e econômicos desencadeados pós 2ª Guerra Mundial, iniciaram-se uma série de mudanças sociais e outras decorrentes do avanço científico. Entre elas ressaltamos: a profissionalização da mulher de classe média, mediante sua expansão no mercado de trabalho, a popularização do conhecimento da fisiologia e terapêutica sexual, o desenvolvimento científico, que levou à descoberta da pílula anticoncepcional, a intensificação dos movimentos feministas e a demanda de organizações das “minorias”. Diante destes fatos a OS passou a focar a sexualidade não apenas como uma função reprodutora, mas admitindo que o relacionamento sexual também é uma forma de se obter uma experiência prazerosa (17).

A sociedade, desde então, vem vivenciando uma época de rápidas transformações e mudanças sociais, culturais, econômicas e tecnológicas que atingem diretamente e complexidade das relações humanas. Todos estes acontecimentos geraram, inevitavelmente, alterações nos valores sociais que disciplinavam o uso da sexualidade, resultando num aceleração da atividade sexual em populações mais jovens, e mais especificamente, numa liberalidade da prática sexual por jovens do sexo feminino em situação pré-marital (4, 32).

Porém, não tardou para que os profissionais da área da saúde detectassem um índice crescente de gravidez em jovens que se tornaram sexualmente ativas muito cedo (17). Este fato muda mais uma vez o enfoque da OS. Ela passa a ser intensamente advogada! S6 que desta vez como mecanismo de controle social no sentido de neutralizar os efeitos da liberalização sexual.

Atualmente, a OS ainda tem o seu enfoque mais concentrado na prevenção de gravidez indesejada, na adolescência (5, 22, 27,

30), e na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, na qual se dá especial atenção à AIDS (7, 10, 12). Mas já encontramos na literatura autores que apontam a OS como forma de abrandar o “stress” escolar (19) a de proporcionar um desenvolvimento pessoal, cuja conseqüência seria o usufruto responsável de sua sexualidade (3, 6, 16, 18, 20, 25).

A OS vem sendo desenvolvida em vários lugares como clínicas privadas ou consultórios médicos (26, 28), serviços públicos de atendimento à saúde (15, 29), igrejas (14), escolas públicas a particulares (1, 4, 22, 25) a na comunidade como um todo (30). Dentre estes, a escola nos parece ser um dos locais mais apropriados para se realizar este tipo de trabalho, por ter uma estrutura mais adequada para proporcionar o aprendizado formal e por ser o lugar freqüentado por um grande número de crianças e jovens, continuamente, durante várias horas do seu dia e por um longo período de sua vida.

A inclusão da OS no currículo das escolas tem sido objeto de grandes controvérsias (11, 19, 22, 33). Atribuímos esta situação a uma questão central que até então não foi claramente definida: Qual o papel da escola frente à Educação Sexual?

Segundo Pilon, “as necessidades humanas, envolvendo sexo, nutrição, segurança, intercâmbio afetivo, auto-estima, criação e descoberta, pressupõem uma concepção de mundo e nenhuma tem embutida, em si mesma, a direção da conduta”. A conduta, continua o autor, “é produto de uma bússola interna, constituída de valores e crenças introjetadas socialmente ou desenvolvidas pela reflexão filosófica, religiosa ou científica” (23). Isto significa que o ser humano está em constante processo educativo, em relação à sua sexualidade, dentro do seu âmbito familiar a social.

A família é, em primeira instância, o elemento formador da criança e os pais, desde muito cedo, se encarregam da responsabilidade de educar sexualmente seus filhos, de maneira informal, passando seus valores culturais e crenças, no dia a dia, através do trato com a criança. Simultaneamente, as relações sociais favorecem trocas intensas de informações e de normas de condutas, formando um amplo conjunto de influências exercidas direta ou indiretamente sobre o indivíduo (23, 24).

Neste contexto entendemos que o papel da Escola é o de sistematizadora do conteúdo adquirido sobre sexualidade, tanto a nível de informações, como de experiências vividas. Para desempenhar esta função a Escola implanta programas de OS, cuja atividade caracteriza-se como sendo uma intervenção no processo educacional de caráter preventivo, intencional e sistemático, através de esclareci-

mentos, informações adicionais e reflexões de fatos ligados à sexualidade (24).

Assumindo esta postura diante da questão central elaboramos uma proposta que visa responder outras questões de ordem operacional, tais como: em que faixa etária deve ocorrer? que temas devem ser abordados? quem deve ser o orientador? qual a metodologia a ser utilizada?

### **METODOLOGIA DO PROGRAMA**

A proposta é desenvolver a OS dentro de um contexto que possa equipar os jovens a buscarem atitudes responsáveis com relação ao uso de sua sexualidade. Para tanto, ela é trabalhada a longo prazo, iniciando a partir do Infantil, a terminando no último ano do 2º grau. Inclui três etapas com metodologias distintas para cada uma delas, de forma a atender as necessidades dos alunos, de acordo com a evolução sociopsicossexual.

### **ORIENTAÇÃO OCASIONAL**

A primeira etapa compreende os alunos do Infantil à 4ª série do 1º grau. Este trabalho é baseado na visão "Erikissoniana", a qual entende que "a criança aprende durante toda sua longa infância os modos de aproximação física, e com eles as modalidades sociais. Aprende a existir no espaço e no tempo à medida que aprende a ser um organismo no espaço e tempo de sua cultura"(8). As crianças nessa faixa etária, geralmente, ampliaram seu locus que anteriormente estava restrito ao ambiente familiar e o estendeu principalmente para a Escola. Este fato nos leva a acreditar que a Escola desempenha um papel importante na educação infantil. A OS neste período é basicamente um trabalho de conscientização e capacitação da Instituição como um todo, e particularmente do professor, sobre a influência que exercem suas normas e condutas na autoconstrução de valores a comportamentos ligados à sexualidade destes alunos.

A Escola é um ambiente altamente favorável ao desenvolvimento da sexualidade. Proporciona instrumentos fundamentais tais como: o processo de socialização e o convívio entre ambos os sexos. Portanto, é imprescindível que administre a sexualidade de forma positiva a atenda adequadamente as curiosidades infantis, com relação a fatos e temas no âmbito sexual. Em síntese, o papel da Escola seria o de uma extensão do processo educativo familiar, em que a OS

se dá de forma ocasional, de acordo com as situações pertinentes, porém, consciente do seu papel e adequadamente capacitada para atuar com bom senso.

A OS pode também ser incrementada nos primeiros anos do 1º grau, através da inserção de alguns conceitos básicos da sexualidade, no conteúdo de algumas matérias afins como Integração Social e Ciências.

### **ORIENTAÇÃO INTERATIVA**

Para o desenvolvimento da segunda etapa propõe-se a metodologia de Dinâmicas de Grupos, com os adolescentes de 5ª à 8ª série, num horário determinado a exclusivo para se discutir os temas ligados à sexualidade. O Orientador que neste caso é um profissional em Orientação Sexual ou um Professor adequadamente preparado para desenvolver esta atividade, utiliza recursos metodológicos de interação com o grupo, e deixa de lado a antiga postura autoritária de um "Professor" que detém o saber. Cabe ao Orientador apreender com os alunos qual a sua realidade, para obter os elementos básicos do processo educativo, de maneira que estes adolescentes possam então se beneficiar deste trabalho, por meio de determinados instrumentos a experiências que colocadas a serviço do grupo podem permitir a aquisição do conhecimento de si mesmo e de sua realidade(21).

Nestes termos a OS inscreve-se no interior de uma concepção de totalidade, onde resgata-se o contexto sociocultural dos alunos, visando a estes uma compreensão da sexualidade, não apenas em sua dimensão individual e biológica, mas também como processo social e psicológico, articulados entre si, definidores da condição do "ser adolescente".

Apoiando-nos em Brnrunberg, que afirma: "Em toda a história da humanidade os conceitos de comportamento sexual adequado variaram bastante. A ordem ou o conjunto de valores envolvidos mudam conforme as situações..."(2) consideramos a necessidade fundamental em se propor um programa de OS que busque adequar-se à realidade particular de cada contexto social dos indivíduos em questão.

A literatura nos tem mostrado de uma forma genérica que os jovens pertencentes à faixa etária deste período escolar manifestam intensa curiosidade com relação às generalidades dos aspectos morfológicos e funcionais da sexualidade. Na nossa proposta, no entanto, o conteúdo deverá ser construído a partir dos temas que estejam

situados na área de interesse de cada grupo em questão, ficando a programação do mesmo na direta dependência do que os envolvidos estejam interessados em discutir. Entretanto, no nosso levantamento bibliográfico pudemos encontrar uma série de temas ditos de interesse dos adolescentes, os quais listamos e procedemos algumas adaptações para serem utilizados a título de sugestão (Quadro).

### **ACONSELHAMENTO INDIVIDUAL**

É importante ressaltar que na sociedade atual o intervalo de tempo entre o início da vida escolar e o acesso final do jovem ao trabalho especializado, estabelece-se uma dissincronia entre o tempo social e o tempo biológico. Esta dissincronia pode levar os jovens nos últimos anos de sua escolaridade a sentirem-se assediados pela revolução fisiológica de sua maturidade genital, e a incerteza dos papéis adultos à sua frente (9). Os alunos do 2º grau, portanto, estão dentro de uma faixa etária considerada estatisticamente como aquela de maior probabilidade de já terem iniciado experiências sexuais mais concretas (13, 3 1), gerando neste grupo um interesse específico e particular com relação à sexualidade, que requer maior sigilo e privacidade. Respeitando essas características, a OS deste grupo é oferecida através de Aconselhamento Individual que é realizado pelo Orientador Sexual (26).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Além do trabalho com os alunos, o programa de OS prevê a capacitação do corpo docente, através de reuniões periféricas e supervisão contínua, como também propicia o envolvimento dos pais nesse processo educativo através de encontros, nos quais os próprios pais estipulam a frequência e os temas de seus interesses. Acreditamos que a OS incorporada nestes modos como parte da estrutura de experiências aprendidas na Escola, professor, pais e estudantes terão a oportunidade de desenvolver o enfoque sobre crescimento, desenvolvimento e sexualidade, de forma sensível, cuidadosa e útil.

A importância inadiável de inserir este tipo de metodologia em um programa de OS reside basicamente no caráter multidisciplinar, onde diversas áreas do pensamento científico e filosófico são incorporados, integrados, na medida em que busca articulá-los e, participativo, onde os integrantes dos grupos (alunos, pais, professores e orientador sexual) constroem juntos a programação em questão.

Desta forma, pode-se chegar à função primordial da OS, que ao nosso ver, é criar um espaço no qual os jovens e demais integrantes que participem deste programa, desenvolvam um senso crítico para lidar com as adversidades e controvérsias ligadas à sexualidade, em função de uma sociedade ambígua que, por um lado, prega a pressão toda uma performance sexual e por outro condena as intercorrências negativas do exercício da sexualidade, sem ao menos admitir a necessidade de se oferecer uma oportunidade para se discutir os sentimentos e valores envolvidos nos papéis feminino e masculino nos relacionamentos afetivos.

## **RELAÇÃO DE TEMAS LIGADOS À SEXUALIDADE**

### **O corpo a as mudanças da puberdade**

Crescimento	Auto-Imagem
Delineamento	A importância da performance
Desenv. dos seios	Interesse p/mesmo sexo
Desenv. dos órgãos genitais	Interesse p/sexo oposto
Espermatogênese	Relacionamento com os amigos
Ovulação	Convívio em grupos
Menstruação	A conquista
Poluição noturna	Paixão
Pêlos pubianos	
Transpiração	
Acne	
Masturbação	

### **Relacionamento Sexual**

Desejo sexual	O ficar
Excitação masc. e fem.	Namoro
Orgasmo	Virgindade
Conseqüências negativas	A 1ª relação sexual
Sexo e saúde	Amor
Estupro	Papéis sexuais

## Reprodução Humana

Fecundação	Casamento
Fertilização	Família
Gravidez	Significado de um filho
Parto	Expectativas sociais

## Sexualidade e conflito na adolescência

Métodos anticoncepcionais	Iniciação sexual
Prevenção de D.S.Ts	Tempo biológico x social
Droga, álcool e sexo	Gravidez indesejada
Aborto	Papéis sexuais e a escolha profissional
Hétero e homossexualismo	Intensificação dos sentimentos
Sexo e mídia	

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARROSO, C. & BRUSCHINI, C. *Sexo e Juventude. Um Programa Educacional*. São Paulo, (eds.) Ed. Brasiliense, 1983.
2. BROMBERG, R. S. Educação, Sexualidade a História. R B S H 1(1):15-20, 1990.
3. BRUSCHINI, C. & BARROSO, C., Educação Sexual e Prevenção da Gravidez. In: BARROSO, C. *et alli Gravidez na Adolescência*. Brasília, IPLAN/IPEA-UNICEF-Fundação Carlos Chagas, 1986, págs. 29-54.
4. CHENEY, M. Discussing Sexuality with Teenagers. *Midwives Chronicle & Nursing Notes* sep:281-84, 1987.
5. CULL-WILBY, B. L.; ALCOE, S. Y.; TAYLOR, P. G., The Relationship between Sex Education and Knowledge in Grade Eight Students. *Can. J. Public Health* 76(3):163-6, 1985.
6. CURTIS, H. A.; TRIPP, J. H.; LAWRENCE, C.; CLARK, W. L. Teenage Relationships and Sex Education. *Arch. Dis. Child* 63(8):935-41, 1988.
7. EGWU, I. N., Preventive Intervention Approach to Health Education for STDs. *HYGIE* 4(3):13-18, 1985.
8. ERIKSON, E. H. Teoria da Sexualidade Infantil. In: *Infância e Sociedade*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1976, págs. 42-97.
9. \_\_\_\_\_. Adolescência. In: *Identidade, Juventude e Crise*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987, págs. 128-36.
10. ESSEX-CARTER, A. & MURRAY, D. Health Education in the Sexually Transmitted Diseases. *HYGIE* 4(3): 41-7, 1985.

11. FUSTENBERG Jr.; MOORE, K. A.; PETERSON, J. L. Sex Education and Sexual Experience among Adolescents. *Am. J. Public Health* 75(11): 1.331-2, 1985.
12. HAES, W. F. M. & SCHUURMAN, J. H., STD - Education. Messages, Target and the Effect of an Education Programme. *HYGIE* 4(3):19-25, 1985.
13. HENRIQUES, M. H.; SILVA, N. V.; SINGH, S.; WULF, D. Formação da Família. In: Adolescentes de Hoje, País do Amanhã: Brasil. New York, Alan Guttmacher Institute, 1989, págs. 36-41.
14. JACKNIK, M.; ISBERNER, F.; GUMERMAN, S.; HAYWORTH, R.; BRAULING-McMORROW, D. Octopus - A Church-Based Sex Education Program for Teens and Parents. *Adolescence* 19(76):757-63, 1984.
15. KIRBY, D.; PETERSON, L.; BROWN, J. G., A Joint Parent-Child Sex Education Program. *Child Welfare* 61(2):105-14, 1982.
16. KLEIN, D.; BELCASTRO, P.; GOLD, R. Achieving Sex Education Program Outcomes: Points of View from Students and Alumni. *Adolescence* 19(76):805-15, 1984.
17. KORCOK, M. Teaching Sex: Where does Biology Stop and Morality Begin? *Can. Med. Assoc. J.* 126(1):553-55, 1982.
18. MASLACH, G.; KERR, G. B. Tailoring Sex-Education Programs to Adolescent - A Strategy for the Primary Prevention of Adolescent Pregnancies. *Adolescence* 18(70):449-56, 1983.
19. MASLAND, R. P. Stress in School. A Physician Call for Innovative Programs on Sexuality. *Postgrad. med.* 78(1):177-82, 1985.
20. NORFLEET, S. "Are Sperm Different Colors?" *Child Today*, 14(6):14-7, 1985.
21. OLIVEIRA, M. D. de, Paulo Freire. In: O Processo Educativo Segundo Paulo Freire & Pichon-Rivière. Seminário promovido e coordenado pelo Instituto Pichon-Rivière de São Paulo. Petrópolis, Ed. Vozes, 1987, págs. 27-39.
22. ORR, M. T. Sex Education and Contraceptive Education in U.S. Public High Schools. *Fam. Plann. Perspec.* 14(6):304-13, 1982.
23. PILON, A. F. Cultura e Sexo - Expressões do Projeto de Vida. Comunicação apresentada durante o Programa Nacional de Treinamento em Educação da Sexualidade. Promovido pelo MEC, Brasília, DF, 1987.
24. PROJETO de Orientação Sexual. Secretaria Municipal de Educação. Publicação SME 24, Gráfica Municipal, São Paulo, págs. 7-13.
25. SCHECTER, S. J., The New York School System Family Life Education Program. *Community Health* 11(1):54-7, 1986.
26. SHEN, J. T. Y. Adolescent Sexual Counseling. *Postgrad. Med.* 71(5):91-3, 1982.
27. SOEFER, E. F.; SCHOLL, T. O.; SOBEL, E.; TANFER, K.; LEVY, D. B. Menarche: Target Age for Reinforcing Sex Education for Adolescents. *J. Adolesc. Health Care* 6(5):383-86, 1985.
28. STEWART, D. C. Sexuality and the Adolescent: Issue for the Clinician. *Primary Care* 14(1):83-99, 1987.
29. SUMANO-AVENDANO, E.; CHARTT-LEÓN, R. M.; ANGELIS-REYES, M. C. Observaciones de una Clínica Piloto de Orientación Sexual y Vida Familiar para Adolescentes. *Bol. Med. Hosp. Infant.Méx.* 41(9):485-88, 1984.

30. VINCENT, M. L.; CLEARIE, A. F.; SCHLUCHTER, M. D. Reducing Adolescent Pregnancy through School and Community-based Education. *JAMA* 257(24):3382-6, 1987.
31. VITIELLO, N. Sexualidade na Adolescência. *In: COIN, E. H. et alii, Sexualidade Humana: Reflexões e Propostas em Ação*. São Paulo. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria da Educação, 1986, págs. 68-78.
32. VITIELLO, N. & CONCEIÇÃO, I. S. C. Exercício da Sexualidade na Adolescência. I - Aspectos Biopsicossociais. *R.B.S.H.* 1(2):15-28, 1990.
33. ZELNIK, M.; KIM, Y. J. Sex Education and Teenage Sexual Activity, Pregnancy and Contraceptive Use. *Fam. Plann. Perspec.* 14(3):117-26, 1982.